



A NOVA GLOBELEZA E A DIVERGÊNCIA DE ENQUADRAMENTOS DO ACONTECIMENTO

*Lucianna FURTADO*⁷⁸

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir a nova abordagem narrativa e estética na versão de 2017 da vinheta da Globeleza, fundamentada pelos conceitos de acontecimento e enquadramento na análise de conteúdo discursivo. Por meio do estudo dos diferentes modos de interpretação identificados na repercussão no Twitter, colunas e matérias sobre o tema, este artigo aponta a constituição de uma disputa entre quadros, a tematização dessa divergência em seu processo de individuação como uma polêmica e, por fim, as relações entre as particularidades desse acontecimento e o cenário de polarização política.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento. Enquadramento. Globeleza. Feminismo negro. Conservadorismo.

ABSTRACT: This study aims to discuss the new aesthetic narrative approach for the 2017 version of the Brazilian Carnival character “Globeleza”, grounded on the concepts of event, frame and content analysis. By identifying the different forms of interpretation presented on its repercussion on Twitter and the media, this article points to the constitution of a frame dispute, the narrative organization of this divergence in its process of individuation as a controversy and, ultimately, the relations between this event’s singularities and the current political polarization context.

KEYWORDS: Event. Frame. Globeleza. Black feminism. Conservatism.

1. Introdução

A vinheta da Globeleza, criada pela Rede Globo no início dos anos 90, consagrou-se como uma tradição do período próximo ao Carnaval. A cada ano, uma nova vinheta era produzida sem grandes inovações, mantendo o formato clássico: uma dançarina negra, cujo

⁷⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), graduada em Comunicação Social (Publicidade) pela mesma instituição. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: lucianna.furtado@gmail.com

corpo nu era coberto apenas por uma pintura corporal e/ou uma simulação digital em cores quentes e brilhantes. A versão de 2017, porém, surpreendeu aos telespectadores, apresentando vários dançarinos brancos e negros performando outros ritmos carnavalescos além do samba - passando a incluir o frevo, o maracatu, o axé e o bumba-meu-boi - e trazendo a Globeleza vestida pela primeira vez, o que gerou intensa repercussão.

O objetivo deste artigo é oferecer uma breve reflexão acerca da mudança na vinheta da Globeleza, fundamentada pelos conceitos de acontecimento e enquadramento (*frame*) na análise de conteúdo discursivo, abordando as diferentes possibilidades de interpretação referentes à adoção do novo formato. Para isso, serão analisados os modos de leitura apresentados por usuários do Twitter e colunistas, de modo a apontar a divergência entre os quadros apresentados pelos sujeitos na definição da situação e o processo de individuação desse acontecimento como uma polêmica, um tema controverso que dividiu opiniões.

2. A nova Globeleza como um acontecimento

Neste trabalho, será utilizado o conceito de acontecimento desenvolvido pelo sociólogo francês Louis Quéré (2005), que retoma o pensamento pragmatista acerca da noção de experiência. Esta é definida por Dewey (1980) como o resultado da interação entre o sujeito e o mundo, enfatizando que a experiência “ocorre de forma contínua, pois a interação entre o ser vivo e os aspectos do ambiente faz parte do processo da vida em si” (p. 35, tradução nossa). Dessa forma, o indivíduo afeta o objeto e, em contrapartida, também é afetado por suas propriedades - em um processo que envolve agir sobre algo e sofrer uma sensação, transformar e ser transformado - desencadeando as ações seguintes e se concluindo com a adaptação mútua das partes envolvidas.

Quéré (2005) coloca a experiência como aspecto central do acontecimento, na medida em que ele não é lido como uma ocorrência abstrata, mas como algo que acontece a alguém. Ao irromper na experiência do sujeito, o acontecimento o afeta, desencadeando reações, posicionamentos e respostas. Nessa abordagem, são consideradas como acontecimentos aquelas ocorrências que, ao emergir, estabelecem uma ruptura, uma espécie de irregularidade em uma experiência que, até então, era vivenciada como uma sequência contínua:

Os acontecimentos são, em geral, marcados pela imprevisibilidade, têm algo de inesperado, mesmo que sejam programados, na medida em que instauram uma descontinuidade na *experiência* daqueles sujeitos que são por eles afetados (SIMÕES, 2012, p. 15, grifo da autora).

Desse modo, o acontecimento apresenta uma propriedade de revelação que articula diferentes temporalidades: ao irromper na experiência dos sujeitos no presente, esse caráter revelador permite construir novas atribuições de sentido, reconstruindo o passado a que se refere e desencadeando novas possibilidades futuras ao orientar as ações seguintes. Na perspectiva de Quéré, devido a seu poder de afetação, os acontecimentos

(...) tocam aqueles que a eles se expõem e, neste sentido, operam transformações tanto sobre o mundo quanto sobre aqueles que o experimentam. Ao introduzir o novo, o acontecimento estimula os sujeitos envolvidos a restaurar a continuidade rompida, abrindo espaço para a investigação em torno do que o tornou possível e do que existirá em consequência dele; ele esclarece seu passado e seu futuro, convertendo essas dimensões temporais em construções relativas a um “presente acontecimental” (FRANÇA; ALMEIDA, 2008, p. 5).

Considerando que a exibição da vinheta da Globeleza adquiriu status de tradição, é possível tomar sua veiculação no período de Carnaval como uma continuidade na experiência dos sujeitos, isto é, na interação entre os telespectadores e a programação televisiva. Dessa forma, a mudança radical em sua abordagem narrativa e estética representa a imprevisibilidade característica do acontecimento, ao irromper como uma ruptura na continuidade da experiência, desencadeando reações, releituras e expectativas. Devido ao aspecto revelador do acontecimento, são realizadas novas construções de sentido, permitindo novos olhares sobre o passado e a constituição de um novo horizonte de possíveis.

Como mencionado, o poder de afetação do acontecimento estimula o sujeito a tentar restaurar a continuidade rompida, por meio da investigação acerca do que levou a Rede Globo a mudar completamente a representação de uma personagem tão tradicional, expondo a problematização de um formato até então naturalizado, e do que essa mudança significa - para as vinhetas dos próximos anos, para os modos de representação construídos pela emissora, para as transformações culturais na televisão de modo geral e na sociedade.

Nesse contexto, cabe retomar um fato anterior: a publicação de “A Mulata Globeleza: Um Manifesto”, escrito pelas ativistas do movimento feminista negro Djamilia Ribeiro e Stephanie Ribeiro, no blog Agora É Que São Elas, da Folha de S.Paulo⁷⁹. O texto critica a forma de representação da Globeleza, que remete a um passado histórico escravocrata de modo fetichista, promovendo a naturalização da violência sexual contra as mulheres negras e do turismo sexual no Carnaval. Por meio de uma estética discursiva de exotização,

⁷⁹ Disponível em: <https://goo.gl/cBzFqs>, acesso em 20 jun. 2017.

objetificação e exposição desumanizadora dos corpos das “mulatas”, a vinheta se tornou um expoente da cultura machista e racista brasileira, cumprindo um papel na perpetuação da imagem da mulher negra como confinada à posição de subalternidade. O protesto foi publicado em 29 jan. 2016, mesmo período de veiculação da vinheta, que nesta versão ainda trazia a nudez da dançarina. A relevância dos argumentos, aliada ao *timing*, gerou muita discussão e viralizou nas redes sociais: o manifesto ultrapassou o marco de 50 mil compartilhamentos com a publicação na Revista AzMina, 12 mil na Folha e outros 4 mil no portal Geledés, além da reprodução em outros blogs e páginas de temática feminista⁸⁰.

A constituição dessa linha temporal sugere uma possível relação de causalidade entre o manifesto e a nova abordagem, caracterizando uma ruptura discursiva significativa no histórico de exploração da nudez da Globeleza desde 1990. No entanto, como a emissora não atribuiu a mudança publicamente ao movimento, é possível levantar alguns questionamentos: na tentativa de restaurar a continuidade rompida pelo acontecimento, qual foi a identificação realizada pelos sujeitos afetados quanto ao que o tornou possível? Como o passado foi retomado e reconstruído na investigação do que aconteceu? Quais as formas de interpretação acionadas pelo público para narrar e atribuir sentido ao acontecimento? O percurso para responder a essas questões será ancorado no conceito de enquadramento, explorado a seguir.

3. O enquadramento na análise de conteúdo discursivo

O conceito de enquadre (ou quadro) de Gregory Bateson (2002) é usado para se referir às estruturas cognitivas de significados, premissas e normas culturais, ao contexto para interpretar os processos sociais de construção de sentido e acessar a multiplicidade de níveis de abstração⁸¹ presentes nas interações comunicativas. Originalmente aplicado à comunicação na psicologia, o conceito foi aprofundado por Erving Goffman no campo das interações sociais: para o autor, quadros são os princípios de organização que governam a experiência, que configuram as ocorrências e nosso envolvimento subjetivo nelas, que permitem definir a situação de modo a responder à indagação: o que está acontecendo aqui? (1974, p. 8-11).

⁸⁰ Dados de compartilhamento disponíveis em: <https://goo.gl/Xgh9Li>, <https://goo.gl/cBzFqs>, <https://goo.gl/mPAXCy>, respectivamente, acesso em 20 jun. 2017.

⁸¹ Segundo Bateson, os níveis de abstração podem ser contrastantes, apresentando mensagens implícitas contrárias ao discurso explícito. Desse modo, uma cena que aparenta hostilidade pode indicar, em um contexto metacomunicativo, um quadro de afeto ou brincadeira, de acordo com a relação entre os falantes (2002, p. 87).

Goffman estabelece que, para além do mero aspecto cognitivo da experiência, seus significados e construções de sentido, o quadro opera também na organização do envolvimento dos sujeitos - de modo que, na visão do autor, os quadros contêm expectativas de caráter normativo, referentes ao modo como o indivíduo deve se inserir em determinadas situações sociais (1974, p. 345). Nessa abordagem, segundo França e colaboradores (2014), os quadros são como matrizes interpretativas necessárias aos sujeitos em seus processos sociais, por meio dos quais se torna possível compreender as diferentes situações cotidianas. O enquadramento é, então, o ato de acionar esses quadros para articular a apreensão da situação com as ações apropriadas. Os autores enfatizam que esses quadros

(...) não são construções individuais e sim socioculturais. Eles subentendem certas convenções vigentes numa dada sociedade que os indivíduos mantêm, transformam, atualizam, em suas interações e relações sociais (FRANÇA et al, 2014, p. 81).

Outro ponto tratado por Goffman é a possibilidade de que o enquadramento das ocorrências conduza a ambiguidades, equívocos, ou mesmo a diferentes interpretações sobre o que está acontecendo. Quando são apresentadas visões opostas e conflitantes acerca de um determinado evento, configura-se uma disputa entre quadros, marcada por um impasse, uma divergência quanto ao quadro apropriado para definir a situação (1974, p. 322).

Dentre outras formas de operacionalização⁸², o conceito de enquadramento é utilizado nas análises de conteúdo discursivo, que buscam apreender a forma como a realidade é enquadrada em determinadas perspectivas por meio dos enunciados: “Busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir certa trilha interpretativa” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193). Nesse modo de análise, Robert Entman (1993) define o enquadramento como um movimento de seleção e destaque na composição dos discursos: trata-se do ato de eleger determinados aspectos em uma percepção da realidade e projetá-los com mais ênfase, privilegiando uma visão de mundo, um modo específico de interpretar o tema abordado. Segundo o autor,

Quadros, portanto, *definem problemas* - determinam o que um agente causal está fazendo, a que custos e com que benefícios, normalmente mensurados de acordo com valores culturais comuns; *diagnosticam razões* - identificam as forças que criam o problema; *realizam julgamentos morais* - avaliam os agentes causais e seus efeitos; e *sugerem formas de remediá-los* - oferecem e justificam modos de

⁸² Mendonça e Simões apontam três vertentes fundamentadas no conceito de enquadramento: a análise da situação interativa, focada nas interações sociais entre sujeitos face a face; a análise de conteúdo discursivo, que explora a construção de perspectivas de interpretação da realidade; e a análise de efeito estratégico, que se refere ao ângulo mobilizado para gerar determinados efeitos sobre os receptores (2012, p. 191-195).

solucionar os problemas e preveem seus prováveis efeitos (p. 52, tradução nossa, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a definição dos quadros não é realizada por apenas um dos componentes do processo comunicativo, mas atravessa a mensagem, quem a comunica, quem a recebe e a cultura que os permeia. O gesto de dar ênfase, proeminência, destaque a aspectos específicos é definido como produto da interação entre o enunciado e o público (ENTMAN, 1993, p. 53). Portanto, o enquadramento - o ato de ressaltar determinados pontos e eclipsar outros, acionando certas chaves de leitura em detrimento de outras - também é realizado pelo público, na medida em que a consonância ou dissonância com seu próprio sistema de crenças e princípios desempenha papel fundamental na construção da interpretação daquele discurso.

No enquadramento realizado pelos sujeitos que compõem o público, Entman enfatiza que há margem para certo grau de autonomia da audiência, que pode aplicar quadros de forma independente do significado dominante do texto, de acordo com seu esquema de crenças e valores. Apresentando outras fontes de conhecimento, visões políticas e ideológicas levemente distintas ou mesmo diretamente conflitantes com o quadro da mensagem, esses sujeitos podem e de fato tendem a realizar um movimento de contra-enquadramento:

Certamente os sujeitos podem retomar fatos anteriores por conta própria, estabelecer vínculos relacionais que não haviam sido feitos de forma explícita no texto, ou recuperar de sua memória uma explicação causal ou solução que estejam completamente ausentes do texto (ENTMAN, 1993, p. 56, tradução nossa).

A abordagem da análise de conteúdo se centraliza, então, na identificação e descrição dos quadros percebidos na situação, explorando os movimentos de proeminência e destaque realizados em relação ao discurso e investigando a associação desses quadros com os sistemas de valores dos sujeitos que compõem o público observado (ENTMAN, 1993, p. 57).

4. Os enquadramentos sobre a nova Globeleza no *Twitter*

Como forma de investigar a repercussão da nova versão da Globeleza, foram analisados comentários públicos no *Twitter* postados nas quatro primeiras semanas de sua veiculação, entre 08 jan. 2017 e 05 fev. 2017. A coleta de dados foi feita com a ferramenta de busca avançada da própria plataforma, inicialmente apenas com esse recorte temporal e o termo “globeleza”⁸³, construindo um panorama geral para uma análise preliminar, com o

⁸³ Busca avançada do *Twitter*. Disponível em: <https://goo.gl/W2FuUj>, acesso em 19 jun. 2017.

objetivo de mapear quais foram os principais quadros acionados pelos sujeitos para definir a situação que constitui o acontecimento, interpretando-o e atribuindo sentido a ele.

Nessa amostra inicial, foram encontrados diversos tweets neutros e humorísticos sem relação direta com a nova abordagem da vinheta. Muitos outros expressaram surpresa, choque, até mesmo aprovação ou desagrado - mas sem demonstrar, de forma explícita, uma tentativa de oferecer um quadro interpretativo como forma de definir a situação. Para os fins deste trabalho, os exemplos dessas categorias foram descartados, concentrando a atenção nos tweets que apresentaram um enquadramento específico, um modo de interpretação quanto às possíveis intenções discursivas da nova vinheta, assim como os alinhamentos ideológicos atribuídos pelos usuários em relação à escolha narrativa e estética da Rede Globo.

Dentre os tweets que se encaixam nesse foco de análise, foram identificados quadros divergentes que podem ser reunidos sob duas categorias principais. Embora as duas vertentes se concentrem no abandono da nudez como ponto central da nova vinheta, uma interpreta a mudança como uma conquista do feminismo negro, alinhada ao manifesto mencionado anteriormente, enquanto a outra vê a nova abordagem como uma vitória da moral e dos bons costumes, creditando a questão a uma onda conservadora. Após a identificação desses dois polos, foram selecionados alguns termos mais frequentes em cada um desses quadros para refinar as buscas, de modo a reduzir o volume e concentrar o conteúdo dos tweets a serem analisados. Curiosamente, percebe-se uma ambiguidade no termo “politicamente correto”: identificado em comentários críticos, negativos e com tom de deboche, foi empregado tanto para se referir à linha de interpretação dos movimentos sociais quanto à do moralismo.

Na nova amostra, a maioria dos tweets categorizados na vertente de enquadramento relacionada aos movimentos sociais⁸⁴ traziam mensagens positivas, celebrando a vitória do feminismo negro. Muitos compartilharam o texto “A Mulata Globeleza: Um Manifesto” e outros de teor similar, de blogs e portais de notícias de temática feminista e antirracista. Um ponto de destaque é que, de acordo com as fotos dos usuários, a maioria dos tweets que aplicaram esse quadro positivamente vieram de mulheres, principalmente mulheres negras. Dentre estes, alguns foram elogiosos à emissora, mas a visão predominante foi de cautela e desconfiança - apontando que o formato original sempre objetificou mulheres negras e que essa mudança já deveria ter sido feita antes. Mesmo nos tweets que enaltecem a nova

⁸⁴ Amostra composta por 370 tweets. Busca avançada do Twitter. Disponível em: <https://goo.gl/vrs7Lj>, acesso em 19 jun. 2017.

abordagem estética, poucos parabenizaram a Rede Globo ou a retrataram como uma aliada, sendo mais frequente a atribuição da conquista ao movimento feminista de forma crítica à emissora. A recorrência dessa postura pode ser vista nos seguintes exemplos selecionados:

“#Fantastico Gostei dessa nova vinheta da Globeleza! Finalmente pararam de super sexualizar a mulher negra.”; “Finalmente vestiram a #globeleza Ninguém merece a hipersexualização da mulher negra. Demorou, hein @RedeGlobo ?”; “Que bom que a Globo deu um fim no estigma da Globeleza que ofendia tantas mulheres negras”; “Impossível não reconhecer que uma Globeleza vestida tem um significado ímpar na luta feminista contra a objetificação da mulher!”; “Tá fechativa essa Globeleza que não explora a mulher negra e a objetifica como sempre fizeram!”; “Globeleza vestida: sinal que a repercussão do feminismo tá sendo grande a ponto da globo mudar algo que nunca tinha mudado antes. Palmas!”; “Genteee... E esta #globeleza vestida? Será que finalmente a #Globo entendeu que mulher negra não é objeto sexual?”; “Q tal deixarmos mulheres negras falarem s/ Globeleza pelada ou vestida? Se vc acha q isso nada tem a ver c gênero/raça então fica caladinho.”; “O feminismo venceu na área do Carnaval. Conseguiram mudar a Rede Globo e sua #Globeleza. Mas ainda falta muita coisa para ser vencida.” (Coleta de dados da pesquisa, busca refinada com termos identificados aos movimentos sociais, acesso em 19 jun. 2017).

Outros tweets relacionaram a mudança da Globeleza com a representatividade geral na televisão - mais uma vez, houve alguns elogios, mas a maioria questionou a atuação secundária e os papéis estereotipados destinados às mulheres, brancas e negras, e aos homens negros nos programas de auditório, novelas, telejornais e demais atrações da Rede Globo, conforme mostrado nos exemplos:

“Feminismo negro na globo. Eu vivi pra ver a globeleza de roupa e essa representatividade linda no amor e sexo.”; “Globo que durante anos colocou a globeleza nua falando sobre a hiper sexualidade imposta à mulher negra #amoresexo”; “Duvido dizerem aí no programa que a Globeleza pelada anos na tv colocava estereotipadas e expostas as mulheres negras”; “Enfim pararam de hipersexualizar a mulher negra na vinheta da Globeleza! O próximo passo é pararem de usar mulheres como enfeite de palco!”; “E a Globeleza que não tá mais pelada q legal né, mas as 9 tem aquela novela que a única negra é a empregada.”; “a Globeleza usar roupa na vinheta já é uma mudança,só falta uma mulher negra sendo protagonista e acabarem com o machismo nas novelas”; “o povo quer acreditar né? É a globo, eles vestem a Globeleza, mas nas novelas negro é sempre núcleo pobre, jovem negro é bandido” (idem).

Dentre os comentários críticos à emissora, alguns relacionaram as ações de inspiração feminista à política eleitoral, referindo-se ao impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff:

“Globo colocando a globeleza vestida. Tão feminista. Tão contra o machismo. Nem parece que apoiou o golpe contra a primeira presidenta do país”; “Globeleza com roupa é compensação para a massa de mulheres negras que caem e cairão no desemprego, miséria e precariedade neoliberal?” (idem).

Ainda nesse quadro que identifica a mudança como uma resposta às demandas feministas, foram encontradas reações fortemente negativas e críticas à emissora por supostamente se aliar ao movimento, além de ofensas de conteúdo estético às mulheres:

“Feminista feia e acabada pode tirar a roupa na rua. Globeleza, que geralmente é bonita, tem que ser vestida pq nua é desrespeito à mulher.”; “A globo ta tomada pelo feminismo... vestir a globeleza... decadência”; “voce vê que o feminismo eh tao chato quando a globeleza aparece de roupa”; “Ainda não acredito que colocaram um globeleza vestida, só espero que ano que vem não seja globeleza feminista.”; “Em 2018 a globeleza será uma feminista de 120 kg e de cabelo azul, e suvaco cabeludo.”; “Sobre a Globeleza e o Feminismo: Feminismo é um bando de mulher feia se manifestando pelada pra poder cobrir de roupa as mulheres bonitas.” (idem).

Nesse contexto, foi publicada no portal M de Mulher a coluna “A nova ‘Globeleza’ é também uma mudança de pensamento”⁸⁵, escrita por uma das autoras do manifesto citado, Stephanie Ribeiro. Além de enquadrar a mudança na encenação da personagem como uma vitória do feminismo negro, a ativista menciona outros avanços no campo da representação midiática e da cultura pop, como a tematização do movimento por cantoras como Beyoncé e Elza Soares e o protagonismo de mulheres negras em capas de revistas e nas Olimpíadas.

Já entre os tweets que formam a segunda categoria identificada, que associa a nova vinheta da Globeleza ao avanço do conservadorismo⁸⁶, muitos sugerem um momento de retrocesso cultural e retomada de valores moralistas, lamentando uma onda conservadora:

“gente o mundo tá ficando mais conservador ou é impressão minha? a Globeleza de antigamente era nua e a de hoje tá super vestida, eu hein”; “#Globeleza com roupa? a era conservadora chega para todas”; “Globeleza 2017 vestida... Pois é, o conservadorismo e o politicamente correto estão em alta infelizmente...”; “O avanço do conservadorismo está acabando com o Brasil. Ano que vem a Globeleza virá de burca?”; “A decisão da Globo em apresentar uma Globeleza vestida é só mais uma página na reação conservadora que estamos atravessando. Uma tristeza”; “Você constata que a sociedade tá em retrocesso e vive o falso moralismo quando se depara com a Globeleza de roupa.”; “a globeleza vestida é uma triste vitoria do conservadorismo brasileiro”; “globeleza vestida, a época conservadora voltou, trágico”; “A direita conservadora medieval opositora venceu novamente:vestiu a Globeleza.”; “A onda conservadora está crescendo tanto que até a Globeleza está de roupa nesse ano” (Coleta de dados da pesquisa, busca refinada com termos identificados ao conservadorismo, acesso em 19 jun. 2017).

Outros tweets atribuíram a questão ao conservadorismo de forma positiva, como um gesto de apreciação por valores tradicionais familiares, conforme exemplificado a seguir:

⁸⁵ Disponível em: <https://goo.gl/XZjdrh>, acesso em 15 jun. 2017.

⁸⁶ Amostra composta por 307 tweets. Busca avançada do Twitter. Disponível em: <https://goo.gl/srVmGe>, acesso em 19 jun. 2017.

“Rede Globo, Obrigado por vestir a Globeleza! As famílias agradecem!”; “Até que enfim... soube hoje q vestiram a globeleza. Globo já entrando no clima conservador. Acabem c baixarias em novelas”; “Nós conservadores de direita também apoiamos a globeleza recatada, agora só falta proibir a parada gay #brasil #direita”; “Globeleza; Recatada e do lar ♥ GOSTAMOS”; “gostei dessa globeleza nova, ta bastante conservadora”; “globeleza vestida é uma vitória da família conservadora, até minha vó disse que achou lindo aqui”; “Fui surpreendida pela nova versão da Globeleza. Não esperava isso de uma emissora que dispensa o conservadorismo. Ponto pra ela.” (idem).

Alguns dos comentários anteriores, tanto positivos quanto negativos, parecem sugerir uma aproximação entre o viés cultural do conservadorismo e sua dimensão na política eleitoral. Essa associação foi feita de forma explícita, referindo-se à chegada de Michel Temer à Presidência da República e à eleição do bispo neopentecostal Marcelo Crivella para a Prefeitura do Rio de Janeiro, cidade do Carnaval, como exemplificado nos tweets a seguir:

“mas o fato de vestir a ‘globeleza’ não seria um resultado do conservadorismo do novo governo!? Isso tá me incomodando.”; “Governo tão conservador que colocou roupa na Globeleza”; “Depois que o Temer entrou, até a Globeleza ficou mais conservadora.”; “Governo golpista do Michel Temer colocou até roupa na #Globeleza. Viro bela, recatada e do lar”; “Acordo com a Bancada Evangélica fez a Globo vestir a ‘Globeleza’?”; “A escolha dessa nova Globeleza, com certeza tem o dedo do Bispo Prefeito do Rio de Janeiro. Linda, Recatada e da Universal.”; “Crivella já acabando com o Carnaval quando primeiramente ele manda a Globeleza se vestir.”; “Crivella está com tudo, até vestir a Globeleza ele conseguiu rs...” (idem).

Outro ponto que se destacou em vários tweets da amostra analisada foi a recorrente caracterização da nova Globeleza como “bela, recatada e do lar”, em referência aos termos utilizados pela Revista Veja para elogiar Marcela Temer, esposa do então vice-presidente Michel Temer⁸⁷. A matéria valoriza a imagem feminina ligada à beleza, delicadeza e fragilidade, reforçando códigos de vestimenta patriarcais e conservadores, pautados pelo recato e discrição - o que levou diversos usuários a associar a vinheta a esse padrão de decoro e moralidade. É importante salientar que se trata de uma visão reducionista, que associa a nudez apenas à libertação sexual feminina, sem considerar as relações de objetificação que permeiam determinadas formas de representação, especialmente no caso de mulheres negras, como apontado pelo manifesto contra o formato tradicional da Globeleza.

Alinhada ao enquadramento do acontecimento como um retorno ao conservadorismo, está a coluna “Globeleza vestida em 2017 pode ser um Cavalo de Tróia”, de Daniel Dalmoro, no portal Jornal GGN⁸⁸. O escritor argumenta que veria a mudança como um avanço feminista caso ela tivesse ocorrido em 2010, período de protagonismo político das mulheres -

⁸⁷ Disponível em: <https://goo.gl/vccmBz>, acesso em 20 jun. 2017.

⁸⁸ Disponível em: <https://goo.gl/3eXgCq>, acesso em 20 jun. 2017.

citando os exemplos da eleição de Dilma Rousseff e da atuação de Angela Merkel, Cristina Kirchner e Michelle Bachelet na Alemanha, Argentina e Chile, respectivamente. Dalmoro afirma ter dificuldade em atribuir uma conotação positiva ao fato no atual contexto mundial, de avanço da extrema-direita, e nacional, diante da caracterização misógina do impeachment e da retomada de pautas conservadoras e reformas retrógradas sob o governo Temer.

Diante desse forte cenário de divergência, muitos usuários tematizaram precisamente a polarização na discussão, alguns expressando indecisão, ambiguidade ou o embate quanto ao modo apropriado de enquadrar o acontecimento, conforme os seguintes exemplos:

“Pessoal que está vendo a questão da Globeleza como moralismo: vocês imaginam mulheres brancas e homens totalmente nus o dia todo na globo?”; “Gente para de ser besta. Botar roupa na Globeleza é conservadorismo? Pergunta pra uma mina preta se ela curtia se ver nua toda vez”; “A gente pode ‘ler’ a nova vinheta da Globeleza a partir de duas chaves: o Brasil está encaretado OU uma vitória do feminismo das preta.”; “Esse lance de globeleza com roupa ainda não sei se gostei ou n, mas tou em dúvida mesmo é se isso é sinal de conservadorismo ou de feminismo”; “O mais perto q meu pensamento conservador chegou do pensamento feminista (por motivos diferentes) é q acho digno ver a Globeleza vestida...”; “A nova Globeleza está bela, recatada e do lar. Precisamos definir se isso foi uma vitória do feminismo ou da família tradicional.”; “Eu achei a #Globeleza vestida super careta, conservadora e moralista. Estranho ver a esquerda e as feministas chamando isso de avanço.”; “‘Esquerda idiota’ elogiando que a globeleza não é mais com a moça ‘nua’. Isso é extremamente reacionário, de gente conservadora. Me poupe.”; “A Globeleza vestida é por Empoderamento ou Conservadorismo?”; “A Globeleza vestida: Alguns: A era conservadora chegou, cade liberdade corpo da mulher. Outros: Pararam objetificação da mulher.”; “Globeleza de Schrödinger: Ao mesmo tempo avanço da causa feminista e avanço do conservadorismo” (Coleta de dados da pesquisa, extraídas das duas buscas refinadas, acesso em 19 jun. 2017).

Apesar das definições como avanço dos movimentos sociais ou retomada da moral conservadora, a posição oficial da Rede Globo foi de neutralidade e distanciamento desses polos. Mesmo com o *timing* sugestivo, a emissora não creditou a mudança ao manifesto de 2016, crítico à representação da Mulata Globeleza, ou aos debates acadêmicos e nas redes sociais sobre gênero e raça nas representações midiáticas, tampouco confirmou a hipótese de atender a demandas conservadoras. Em sua nota oficial, o novo formato foi apresentado pela emissora como uma tentativa de diversificar a representação, enriquecendo a vinheta com a inclusão de outros ritmos e modalidades da festa além do tradicional carnaval de avenida.

Como defendido por Entman (1993) na seção anterior deste artigo, a definição dos quadros não é realizada apenas na constituição do próprio conteúdo discursivo ou por quem o produz, mas perpassa também o público, suas formas de pensamento e seus valores culturais. Esse movimento não se refere apenas ao posicionamento favorável ou contrário, mas também

ao próprio modo de leitura considerado apropriado para definir o que está acontecendo. Desse modo, a análise dos tweets e colunas sobre a mudança na representação da Globeleza evidenciou uma forte divergência nas formas de interpretação acionadas pelos sujeitos, constituindo uma disputa entre quadros na definição desse acontecimento. Esse dissenso no enquadramento se tornará, assim, parte da construção narrativa do acontecimento em questão, desempenhando um papel importante em sua caracterização como uma controvérsia, no processo que será detalhado a seguir.

5. O processo de individuação: a nova Globeleza como uma polêmica

Ao emergir de forma inesperada como uma descontinuidade na experiência dos indivíduos, afetá-los e ser em contrapartida afetado pelas construções de sentido realizadas por eles, o acontecimento irá adquirir propriedades simbólicas que o singularizam. Sobre esse aspecto, Quéré (1995, 2000, 2005 apud SIMÕES, 2012) enfatiza que essa individualidade não é intrínseca ao acontecimento, mas construída em um processo de individuação realizado por meio de um percurso interpretativo, articulando três eixos principais. Tais eixos do processo de individuação definidos pelo sociólogo francês serão descritos a seguir, conforme a reorganização realizada por Simões (2012, p. 22-25).

O primeiro momento da individuação do acontecimento é a descrição, que identifica a ocorrência e a distingue das demais. Essa diferenciação é realizada por meio dos quadros mencionados anteriormente (GOFFMAN, 1974), que permitem aos sujeitos definir a situação: ao estabelecer quais são os quadros que configuram aquela ocorrência social, os sujeitos estarão revelando o que está acontecendo ali. Simões (2012) destaca a possibilidade de que se constitua uma disputa entre quadros divergentes nesse processo de categorização com os modos interpretativos acionados pelos sujeitos para atribuir sentido ao acontecimento.

O eixo seguinte se refere à organização narrativa do acontecimento, que o inscreve no presente em uma linha temporal, encadeando seu passado e futuro. Outra propriedade da narração é identificar e compreender a relação entre os agentes do acontecimento e as ações realizadas por eles. O terceiro eixo de individuação é a configuração de um pano de fundo pragmático:

Este atenta para o fato de que o acontecimento não é uma entidade abstrata, mas articula e move práticas instituídas e hábitos de ação. Esse contexto de fundo é animado por crenças e desejos presentes nas estruturas normativas da cultura e é ele que orienta e articula as ações dos indivíduos em relação ao acontecimento (SIMÕES, 2012, p. 23).

O pano de fundo pragmático sugere a percepção dos públicos, compartilhando quadros de sentidos e experiências na sua constituição diante do acontecimento. Esse público não apenas é afetado pelo acontecimento, mas é também construído por ele, em torno dele, na medida em que são convocados a agir e relacionar seu próprio sistema de valores com as práticas sociais realizadas e representadas no acontecimento. Por meio da comunicação, a mídia desempenha um papel significativo na narração e simbolização dos acontecimentos - que, a partir dessa dimensão discursiva, permitem analisar como eles emergem na vida social e afetam os sujeitos (SIMÕES, 2012).

Considerando que as operações de enquadramento do conteúdo discursivo também são realizadas pelos sujeitos que compõem o público, é pertinente tomar os quadros evidenciados na análise, relativos aos movimentos sociais e ao conservadorismo, como esse primeiro eixo do processo de individuação da mudança na vinheta da Globeleza. Conforme demonstrado na amostra coletada do Twitter e nas colunas citadas, o ato de identificação e diferenciação desse acontecimento foi marcado por uma acirrada disputa entre quadros divergentes - constituindo um cenário de controvérsia e polarização que, por sua vez, foi tematizado pela mídia, como exemplificado em matérias publicadas na Folha de S.Paulo, no Estado de S. Paulo, no iG⁸⁹ e em diversos outros veículos. Esse conjunto de matérias, ao constituir a organização narrativa do acontecimento, sua inscrição temporal e a relação entre as ações e os atores sociais, corresponde ao segundo eixo do processo de individuação.

Para fundamentar a narração desse acontecimento como uma polêmica, a matéria da Folha, “Globeleza vestida na vinheta agrada pela novidade”, caracteriza a reação do público como uma “bateria de discussões” e relata que o tema permaneceu entre os *trending topics*, os assuntos mais comentados do Twitter, por 14 horas. Outros pontos de destaque são a citação do texto “A Mulata Globeleza: Um Manifesto” e a explicitação da divisão do debate em duas alas, referindo-se aos quadros divergentes na definição da situação.

Em um movimento semelhante, a matéria do Estadão (“Nova globeleza tem um vestido com menos rebolado”) afirma que “antes da festa, vêm as polêmicas”, abordando os protestos contra a objetificação do corpo feminino e a onda conservadora no país - mencionando, inclusive, a eleição do bispo Marcelo Crivella para a Prefeitura do Rio de

⁸⁹ Disponíveis em: <https://goo.gl/NuYHt4>, <https://goo.gl/fjq7km> e <https://goo.gl/y3aYX8>, respectivamente, acesso em: 20 jun. 2017.

Janeiro. Além de retomar o manifesto das ativistas do feminismo negro, a matéria traz um depoimento da pesquisadora de carnaval Rachel Valença, que atribui a vestimenta da Globeleza a um retrocesso moralista, reflexo de uma fase conservadora.

A matéria “Globeleza vestida: retrocesso ou empoderamento?”, do portal iG, apresenta a polêmica com diversos depoimentos que ilustram os dois modos de enquadramento, inclusive a declaração de uma psicóloga que apresenta argumentos justificando tanto uma quanto a outra vertente e afirma que, independente da intenção da produção, “as pessoas associam com o que elas querem”.

Dessa forma, ao tematizar a divisão dos sujeitos desse público em torno dos diferentes quadros acionados para definir e distinguir esse acontecimento, esse eixo da narração estruturou um quadro principal de controvérsia, caracterizado pela multiplicidade de vozes conflitantes, pela divergência de interpretações, enfim, pela sobreposição de quadros na constituição de uma polêmica.

No terceiro eixo de individuação, referente ao pano de fundo pragmático e aos aspectos das estruturas normativas da cultura que orientam a configuração dos públicos perante o acontecimento, evidencia-se que a polarização demonstrada na disputa entre os quadros se projeta como um expoente de uma polarização macrocultural verificada atualmente na sociedade brasileira e em outros países ocidentais. Os movimentos sociais avançaram em visibilidade, popularização, na conquista de direitos e mudanças significativas nas formas de sociabilidade e nas representações midiáticas - e, em resposta, o reacionarismo se fortaleceu, constituindo uma onda conservadora na tentativa de conter os avanços daqueles grupos e reafirmar a manutenção de seus privilégios de classe, gênero e raça.

Esse contexto de forte polarização no Brasil, mais diretamente ligado à política eleitoral, perpassa também os debates políticos das relações cotidianas, dos valores culturais, das formas de representação, das discussões sobre direitos humanos e respeito à diversidade, constantemente pautados pelas múltiplas frentes dos movimentos sociais. Essa relação é evidenciada, inclusive, por exemplos da amostra analisada quanto ao enquadramento da nova vinheta da Globeleza, relacionando-a à eleição de um prefeito conservador na cidade do Rio de Janeiro, ao impeachment da primeira Presidenta da República e à posse de um novo Presidente com propostas retrógradas de retirada de direitos trabalhistas e previdenciários.

Dessa forma, a identificação do pano de fundo pragmático enfatizou o poder hermenêutico desse acontecimento, sua capacidade de revelar algo a respeito da sociedade em que se inscreve. Segundo Quéré (2010, p. 35 apud SIMÕES, 2012), “os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam”, articulando um universo de sentidos e evidenciando sua propriedade de revelar uma ocorrência imprevista e expor o caráter problemático do contexto a que se refere.

O poder hermenêutico do acontecimento analisado neste artigo se expressa, principalmente, na polarização dos enquadramentos e opiniões, ativamente tematizada em seu processo de individuação e relacionada ao contexto mais amplo da intensa polarização política no Brasil. Esse cenário de divisão e embate, que ganhou forte destaque na eleição presidencial de 2014 e se estende até os dias atuais, atravessa as discussões acerca de posicionamentos políticos, protestos, escândalos de corrupção, delações premiadas e permeia também os debates sobre as reivindicações do feminismo, da luta antirracista, dos direitos LGBTQ, enfim, dos movimentos sociais progressistas de forma geral.

6. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi identificar as diferentes formas de enquadramento construídas pelos sujeitos em relação à mudança na vinheta da Globeleza, seus modos de interpretação e argumentos distintos, assim como a narração dessa controvérsia pela mídia e sua atuação no processo de individuação que constituiu esse acontecimento como uma polêmica. O trabalho contemplou o modo como a ocorrência irrompeu na experiência dos sujeitos, afetando-os e em contrapartida sendo afetado por eles - destacando, assim, o caráter de adaptação mútua na interação entre acontecimento e público e a atuação deste nas práticas de enquadramento e construção de sentido.

Foi demonstrado como a nova abordagem narrativa e estética da vinheta da Globeleza, ao emergir como uma ruptura de modelos de encenação clássicos da televisão, levantou um debate fortemente polarizado e controverso, principalmente por tematizar a problematização da representação midiática dos corpos de mulheres negras e seu papel na perpetuação de imaginários culturais que naturalizam a subalternidade e a objetificação sexual. O estudo da amostra coletada no Twitter permitiu investigar os enquadramentos acionados, ressaltando dois aspectos: 1) a divergência e disputa de quadros entre o avanço dos movimentos sociais e

a retomada do pensamento conservador e 2) as relações, apontadas pelo próprio público, entre os debates político-culturais de representação de identidades e o cenário político eleitoral.

Desse modo, ao identificar os enquadramentos realizados pelos sujeitos, explorar a constituição desse acontecimento como uma polêmica e relacioná-la com o pano de fundo pragmático constituído pelo público e seu contexto sociocultural, a breve análise realizada neste artigo evidenciou como a polarização frente à nova vinheta da Globeleza se configura como um expoente de um cenário macrocultural de intensa controvérsia política. Essas questões destacam não apenas a intensa polarização política do país, mas também os modos como ela atravessa a sociedade em múltiplas dimensões, permeando as formas de sociabilidade cotidiana, o consumo de programação televisiva, as transformações das tradições culturais e mesmo aspectos da própria identidade nacional.

REFERÊNCIAS:

- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. 2ª ed. rev e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.
- BRADLEY, Beatriz. Globeleza vestida: retrocesso ou empoderamento? **Portal iG**, seção Carnaval, 14 fev. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/y3aYX8>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- CARNAVAL na Globo: Globeleza. Disponível em: <https://goo.gl/q3eMki>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- DALMORO, Daniel. Globeleza vestida em 2017 pode ser um cavalo de Tróia. **Jornal GGN**, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/3eXgcq>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- DEWEY, John. Having an experience. In: _____. **Art as experience**. New York: Perigee Books, 1980. p. 35-57.
- ENTMAN, Robert. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, Washington, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FRANÇA, V.; ALMEIDA, R. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 6, n. 2, 2008.
- FRANÇA, Vera Veiga; SILVA, Terezinha; VAZ, Geraldo Frances Fonseca. Enquadramento. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo. (Org.).

Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em Comunicação. 1ª ed. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2014. p. 80-83.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis:** an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1974.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: Bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/vccmBz>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187-201, 2012.

PENNAFORT, Roberta. Nova Globeleza tem um vestido com menos rebolado. **O Estado de S. Paulo**, Cultura, 16 jan. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/fjq7km>. Acesso em: 20 jun. 2017.

PESSOA, Gabriela Sá. Globeleza vestida na vinheta agrada pela novidade. **Folha de S.Paulo**, 17 jan. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/NuYHt4>. Acesso em: 20 jun. 2017.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie. A Mulata Globeleza: Um Manifesto. **Folha de S.Paulo**, Blog Agora É Que São Elas, 29 jan. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/cBzFqs>. Acesso em: 20 jun. 2017.

RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie. A Mulata Globeleza: Um Manifesto. **Geledés - Instituto da Mulher Negra**, 30 jan. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/mPAXCy>. Acesso em: 20 jun. 2017.

RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie. Nós, mulheres negras, queremos o fim da Globeleza. **Revista AzMina**, 29 jan. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/Xgh9Li>. Acesso em: 20 jun. 2017.

RIBEIRO, Stephanie. A nova “Globeleza” é também uma mudança de pensamento. **M de Mulher**, coluna Estilo de Vida, 09 jan. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/XZjdrh>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SIMÕES, P. G. Acontecimento, mídia e experiência: uma perspectiva para a análise das celebridades. **Revista Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, p. 10-39, 2012.

Coleta de comentários no Twitter:

TWITTER, ferramenta de busca avançada. Busca inicial com o termo “Globeleza”, tweets publicados entre 08 jan. 2017 e 05 fev. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/W2FuUj>. Acesso em: 19 jun. 2017.

TWITTER, ferramenta de busca avançada. Busca refinada com termos identificados ao feminismo, tweets publicados entre 08 jan. 2017 e 05 fev. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/vrs7Lj>. Acesso em: 19 jun. 2017.

TWITTER, ferramenta de busca avançada. Busca refinada com termos identificados ao conservadorismo, tweets publicados entre 08 jan. 2017 e 05 fev. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/srVmGe>. Acesso em: 19 jun. 2017.